

NOSSO TEMPO

Nada esterilisa mais o espirito, nada o entibia mais que o riso eterno, o riso sarcastico de tudo e contra tudo.

Como essas aranhas quentes das zonas tropicas que por onde passam deixam a morte, assim o sarcasmo faz perder a juventude do espirito, myrthando-as vezes em plena primavera.

Infelizmente nada é mais commum entre nos. Vemnos de seculos atraz, do tempo em que Voltaire attaca as crencas mais sagradas em nome da razao, ou como bem se pode dizer, em nome do orgulho que não conhece limites. E ainda hoje um rictus terrivel de zombaria se perpetua de geração em geração levando a outras o mesmo deposito arido de descrencas, a mesma serie de negações. O seculo XIX como o seculo que o precedeu viu passarem hostes e sarcasticos uns sinistros apóstolos do scepticismo

feroz que nada respeita e que não recua deante de coisa alguma.

Felizmente agora que vaie terminar, que vamos entrar em um novo periodo, sentimos a aragem fresca do crepusculo vespertino bafejar nos as faces, n'uma caricia suave de rejuvenecimento e de esperança. Pode-se dizer que olhamos com menos temor para o futuro d'onde veremos surgir a perspectiva de um seculo de mais crencas e de mais vida. Os olhos da humanidade ja se voltam para a cruz, porque felizmente ja comprehendem que della e somente della é que depende a salvacao, a reorganização social e o elemento com que se fortalece o edificio da raridade e da fé.

Ninguém pode ou deve enganar-se com os signaes do tempo que são precurosos de dias muito melhores e é de esperar que esse riso zombeteiro que mais parece uma contração desapareça de uma vez para sempre.

Jesus Nazareno

Inda que um Deus não fosses, humano Para temr a triste Humanidade, Tal, como a Deus, em te haver a amado, O' modelo sublime de bondade!

Exemplo de corlura e de humildade, Atravessaste a vida immaculada Pregando Paz e Amor — a Caridade! — E foste, entre dous réus, crucificado!

Martyr do Bem! A alma inimitavel Com que o supplicio supportar sobeste, So á tua bondade e comparavel;

Pois que, deixando a carne em que soffieste, Palavras de perdão com gesto affivel Para os algozes teus inda tiveste!

VICTOR A. VIEIRA

NINON DE LENCLOS

espartilho da ruiga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, atirando sempre o polvosco da sua caridade do baptismo que recebára no dia do Tempo, cuja fúne gubolucava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» vin-se obrigando a dizer o velho rubigento, com a rapidez Lafontaine dizia das avas. Este segredo, que celebra o egoista fôceira jamais confitaria queia que se fosse das pessoas daquella época, descobriu-o o Dr. Lecoq entre os filhos de um estalho de *Le Histoire contemporaine des grandes*, de Bussy Babutin, que fez parte da bibliotheca de Yehatou. É actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOQ, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.** Esta casa tem-se á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto, que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos embelezados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brunza os pestanhas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON

para ahuar, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convenm existir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de d'auje, de príncipe, por meio da **Pâte des Prólats**, que embranquece, alisa, assatina o epidermo, impelle e destróe os freiras e os rictos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a respirar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e muito contraheio.

PREVIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e errar os empedrados e o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que hincem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, e os dentes branqueios com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majello**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé
DELANGRENIER
excellentes peitoraes contra
TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE

Esgrir a marca verdadeira. Delangrenier-Paris

São encontra-los em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat
L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme
SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO
A melhor o mais hygienica de todas as preparações para o tocador

Dentifricos Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

XAROPE DELABARRE
(DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recomendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esgrja-se o **Carimbo official e a assignatura Delabarre.**

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS
de Bin BARRAL

Recommandados pelas sumidades medicas Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA, das OPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc.** 16 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS

Esgrja-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LAÇO VERDE

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS e em todas as PRINCIPAES PHARMACIAS

Berceuse

Trabalha, inspirados artistas do Renascimento!

Praxiteles, fazei brotar do bloco tosco e informe a forma hellenica em toda a sua grande e formosa vitalidade.

A vós, Miguel Angelo — a musculatura rija de Moyses, epopeia em marino, em dez cantos, cada qual mais raivoso, cada qual mais horrivelmente helio.

A vós, Perugino, as linhas seguras da expressão, esbatidos com azul de Italia, harmonicas vivas, humanas, palpitantes, aspasianas.

dade prevista no futuro; aquella sandade meiga do Christo cabindo do alto da cruz em catadupas de ternura, sobre a loira cabeça da Magdalena.

Fazei, maestro, excitar uma sirdina prolongada. Julieta e Romeu suspiram na penumbra Martha fia na Bethania, Margarida desfolha o fatal malmequer da legenda, Fausto ama. Lucrecia suicida-se, Beatriz scisma, Manon perverte, Virginia santifica. Promethen estorce-se no Caucasos, Bruto apunhala Cezar, Mephistophiles ri-se, Jesus concentra-se no Monte das Oliveiras e duvida da fraternidade, Judas vende-se. Laccenate triumpho, Seneca morre, os Graccos tremem pela liberdade, a enorme cabeça de Danton rola da guilhotina, o mundo povoado de tudo amalga-

Aquellas azas jamais roçaram o lodo v.l. Não conhecem Imperia, não conheceu D. Juan, não conhecem Falstaff.

Voluptuosa e candida, ardente e sensível, quando a sua trança toca-me a fronte, esculda-me o sangue, mas quando sua bocca solta o verbo inspirador, o meu espirito alevanta-se andaz.

Por ella tenho sentido todos os amores. Seria preciso possuir-se um coração de chacal, o animal cobarde dos cemiterios, para vela e passar, avante desdenhoso.

Ella symbolisa a synthese de todas as perfeições e as lagrimas de muitas gerações.

Não envelhece. Tem a belleza eterna.



NA PRAIA DE SCHEVENINGEN

A vós, Phidias, a epiderme da arte pagã, onde se vê o sangue que gyra. Alguma coisa da Phryné, da Lzís, de Esther.

A vós, Murillo, os olh's meio cerrados, no estado comatoso da «reverie», a bocca entre aberta, voluptuosa e grave, apaixonada e eloquente, os cabellos em desalinho natural, a fronte larga, genial, purissima.

A vós, Rubens, o colorido da vossa palheta de mestre, ardente como o Cantico dos Canticos, embriagador, solemne.

A vós, Rembrandt, o «effetto da luz» sobre o «conjuncto». O «alaranjado» das tardes calmas esprengendo-se numa pelle de tigre.

A vós, Benevenuto Cellini, a sala onde a deusa repousa: columnatas jonicas, tapeçarias persas sedas da India, embutidas, do ouro, chrystacs do Bohemia, frisos de ebano em marfim de Java. No tecto o «paraíso de Dantes», nas paredes a tragedia de «Francesca»; mais longe o «quarium» das patricias romanas, onde uma joven escrava offerece-se em sacrificio aos peixes vorazes e terriveis de lubricidade.

A vós, Mozart, a musica subjectiva; cantae o amor, o desejo, o ciúmes a paixão desordenada, a loucura dos sentidos, absorpção completa de duas almas, o ultimo beijo da rainha do Egypto, a nostalgia, a san-

se na avalanche da historia e só o «amor, é eterno.» Matal o? Impossivel.

Elle está por toda a parte. Na natureza e na animalidade. O grande mestre, que a vossa musica divina suba em espiraes luminosas da terra as regiões do desconhecido!

O velho oceano em distancia entoa em ritmo igual a sua melopea plangente: arqueia o dorso indomavel, espadana as ondas prateadas nas rochas informes e ponteagudas: ouve-se o dialogo sentido dos rouxinolos. O talho elegante das palmeiras desenhia-se flexivel a margem do lago, onde fazem idyllios um par de cysnes, branco como a candivra.

«Pela estancia adoravel desluzim as sombras que-ridas dos que idealisaram o il-primo amore». A brisa e balsamica, o cactus albrío de todo a carola, a aqueneua desmaia de ventura.

Na profundez da solidão, ha mysterios indecifra-veis. E a lua no vasto azul do ceo, passeia desem-ada vagorosamente, em busca do oceano, as primeiras horas da madrugada.

Vibra uma canção latpa coela!

En quero que ella morra sonhando, indifferente a realidade ao prosaismo da vida alheia, as agruras do destino, a pequenez humana, aos espinhos da mentira.

Por isso evoquei es immortaes. Quizera a reproduzila, como a comprehendo.

Sabeis quem ella é?

Ouvi, mas não a desperteis. Soffreita tanto!

E' a minha «Fantasia»!!

PAUL JAMES.

Plenitude

Estou cheio de ti.

Tal como um rio que, se o vés de perto,

Toda te reproduz, e arfa e sorri;

Cheia de tens formosos pensamentos,

Como la no deserto

Fica cheia de abelhas a palmeira

Com o cacho de ouro se entregando aos ventos;

Como a luz do luar

Fica cheia de trilos a balseira,

E como fica, ao Sol que se alevanta,

Cheia de azas a Selva Secular.

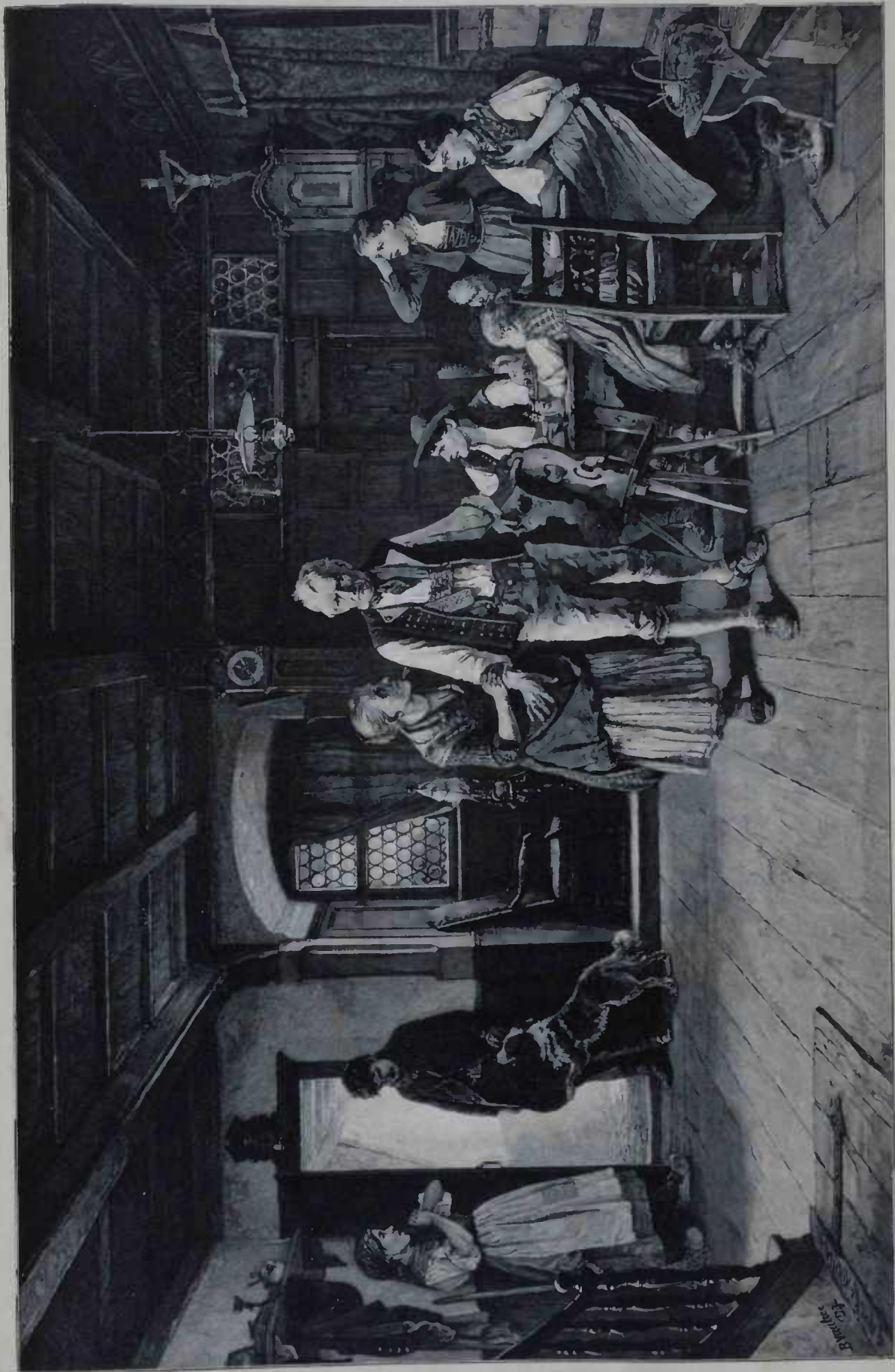
Cheio de ti, meu unico cidadão,

Meu idolo, meu anjo, minha Santa,

Como um templo do deus que alevantado

Stá noite e dia entre os lestões do altar!

ALBERTO DE OLIVEIRA



O FILHO PERDIDO

Spencer
1899

CHRONIQUETA

25 de Setembro de 1899

Ja sei que esta chroniqueta vai encontrar a formosa leitora com o coração nas mãos: a peste bubonica esta no Paraguay, e não é grande a distancia entre esse paiz e o nosso.

Por enquanto não ha motivo para grandes inquietações, e eu espero que as autoridades sanitarias tomarão todas as cautelas, se não se puderem a brigar umas com as outras, na forma louvavel do costume.

Por enquanto o nosso inimigo terrivel é a variola, que tem feito por ahi mais estragos do que geralmente se crê. Parece incrível que, havendo todos os dias vacinação gratuita, haja pessoas que nunca foram vaccinadas. O paiz ou mãe que não mandar vaccinar, e mesmo revaccinar o filho, e de repente o vir cair victima da variola, deve ficar ralado de remorsos por todos os dias que lhe restarem de vida; torna-se cúmplice da peste e auxilia a morte.

*

Que lhes parece o desenlace da questão Dreyfus?... viram ja coisa mais ridicula?... assistiram algum dia a um episodio mais caracteristico da decadencia latina?...

Um conselho de guerra reconhece que Dreyfus mereceu ser mandado para a ilha do Diabo cumprir uma sentença de prisão perpetua com trabalho, e condemna-o a 10 annos de simples detenção, e, como se não bastasse este ridiculo aresto para desmoralisar a França, o governo indulta o condemnado!

Querem prova mais eloquente da innocencia de Dreyfus?

Mas se Dreyfus é innocente, para que essa ignobil comedia, que não salva, antes compromette ainda mais o estado-maior do exercito francez?

Como doe ver a França, a gloriosa França, herço do espirito moderno, mãe de todas as liberdades, patria adoptiva de todo o ser pensante, chafurdada na lama dessa questão ignobil!

Permita Deus que ella possa erguer se e lavar a sua clamvde enlameada. Queremos vela entrar serena e magestosa no seculo novo, robusteada pelo successo da grande exposição que prepara; queremos vela voltar a ser a França de outra hora, eixo formidavel da machina do mundo latino e exemplo dos outros mundos.

Mas para isso é necessario que ella se encha de coragem, para cortar a parte que gangrenou no seu corpo, isto é, que se desfaça dos mãos patriotas e dos jesuitas.

Viva a França!

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

25 de Setembro de 1899.

Foi-se a companhia lyrica Milou, e não se-pode dizer que fechasse com chave de ouro a serie dos seus espectáculos, cantando o *Barbero de Sevilha* em *travest.* Isso é moda na Italia... durante o carnaval, época em que tudo se permite, até mesmo faltar com o respeito aos monumentos da arte. O Brasil esta bastante civilizado, me parece, para não aceitar espectáculos carnavalescos em setembro.

Tiveinos no Rectoio uma *repris* da *Dottzella Theodora*, opereta em 3 actos, de Arthur Azavedo, musica de Abdon Milanez.

A peça agradou ainda mais que em 886, quando foi representada pela primeira vez, e, realmente, alguns papeis estão agora mais bem desempenhados, e a parte musical ensaiada com mais capricho.

Medina de Souza, Isinema Matheos, Machado (este principalmente), Colas e Leonato merecem francos elogios, e bem assim os coros e a orchestra, que foi

augmentada para fazer honra a bonita partitura de Abdon Milanez.

A novidade do dia é a *Bouca*, opereta de Audran, representada ante-hontem, no Apollo, em beneficio de Palmyra Bastos.

O *libretto* de Maurice Ordonneau, visivelmente inspirado, mas so inspirado, na *lenda das boucaes*, sae inteiramente do commun, mas é de uma extravagancia quasi notbida. A musica é deliciosa.

As honras da noite conberam a Palmyra Bastos, que decidiu do successo cantando com muita graça uns *couplets* bregeiros; entretanto, os demais artistas deram boa conta do recado.

A encenação é magnifica.

O publico applaudiu e chamou a scena não só os artistas como os dois traductores da *Bouca*, Sousa Bastos e Acacio Antunes.

O actor Soares de Medeiros organizou uma boa companhia dramatica para Juiz de Fora.

A companhia italiana Magi della Guardia tem agraddo muito em S. Paulo. Podéra!...

A companhia dramatica portugueza do Sant'Anna interrompen o brilhante successo da *Lagarthia*, para dar-nos o *Keau*, do velho Dumas.

A peça fez-nos o mesmo effeito que o *Barbeir*, de *Sevilla* no theatro Lyrico. Não insistimos.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

E. Bevilacqua & C.

O Engrossa, tango de Costa Junior.
Turina, tango de E. Nazareth.
Fantastica, valsa de Alfredo M. M. Guimarães.
Gracinha — Schottisch de Aurelio Cavalcanti.
Garbosa — Pas de quatre — Oscar Carneiro.
Teimosa — Schottisch de Aurelio Cavalcanti.

Vieira Machado & C.

Mimosa, valsa de Antonio Felix.

Fertin de Vasconcellos, Morand & C.

Lundi da Revista O Engrossa, musica de A. Pimentel.

AO BACCARAT

Louças, Porcelhanas, Christaes, Christofle e objectos de fantasia.

PREÇOS DE PRIMEIRA MÃO

POR ATACADO E A VAREJO

38, RUA GONÇALVES DIAS, 38

Julio Betencord da Silveira & C.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'essa são demonstradas pela perfeição do trabalho justa adaptação e grande adunração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

PETIN DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Veterana, polka militar de O. Casimiro...	18500
Cubana, 10ª edição polka de J.G Christo	18500
Mercedes, 2ª edição polka de A. Giannini	18500
Santinha, polka de J. G. Christo...	18500
Juracy, valsa de B. Nunes...	18500
Mentirosa, valsa de B. Neves...	18500
Adamastor, 6ª edição, valsa de M. Leroy	18500
Diva (1ª edição), valsa de J. Barros...	18500
Ninas tororas, valsa de A. Cavalcanti...	18500
Papai, mamãe, valsa de J. Barros...	18500
Bem sei que nime desprezas successo-	
lossal valsa com letra de A. Keller...	18500
Minha querida, (successo) valsa de A. E.	
Costa	18500
Devaneio, valsa de A. Cavalcanti...	18500
Querer bem... do J. valsa de J. Reis...	18500
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro...	18500
Triste como eu? ed.) valsa de Evora F.	18500
Vou pensar, valsa de Aurelio Cavalcanti.	18500
Americano, pas de quatre de J. Reis...	18500
Garrrula, schottich de O. Lacarda...	18500
Sempre constante, valsa de A. Keller...	18500
Plainte, mazurka de Anna M. de Freitas	18500
Borboletas, quadrilha de E. Couto...	18500

Remettem-se encomendas para o interior

147, RUA DO OUVIDOR, 147

Quem quizer sortir-se de louças, porcelhanas, crystaes, vidros, ferragens, lampiões, objectos de phantasia, em summa de tudo quando é indispensavel «a copa» de uma casa de familia, deve dirigir-se de preferencia á casa «La Faience», do Sr. Theotonio de Oliveira, á rua Marechal Floriano Peixoto n. 129, (antiga larga de S. Joaquim).

Freguez que ali vá, não sae sem fazenda, tal é a amabilidade do proprietario, a superioridade da fazenda e a modicidade dos preços.



CRÈME SIMON
PARA
conse var ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não recolhga as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

Os tres desejos

Ha muito tempo ja, construia-se uma igreja em uma aldeia que ainda hoje existe, e, nesta aldeia, vivia um pobre homem que muito trabalhou durante longos annos, continuando pobre como um rato. Este bom homem tinha ilhos e muitas vezes nem se quer um pedaço de pão em casa. De boa vontade daria alguma coisa para a fundação da igreja, se tivesse onde ir buscar.

Vendo passar os ricos do paiz com suas carruagens e suas carroças carregadas de pedras para continuar a igreja, o pobre diabo exclamou:

«Que hei de eu fazer, eu, um miseravel sem carruagem sem carroça!

Ora veio-lhe a ideia de tomar seu cesto e carregar pedras para a igreja, durante a noite, enquanto todos dormiam. E assim foi. Nisso lhe appareceu um homenzinho que lhe disse:

«Que faz aqui tão tarde, o amigo?

— Ah! di se o mendigo, eu não tenho carruagem nem carroça e descearia entretanto dar alguma coisa para continuara igreja; e por isso que tomei meu cesto e carreguei pedras, enquanto todo o mundo dorme». O homenzinho então lhe disse:

«Pois bem, este trabalho não passará sem recompensa; concedo-te o direito de fazer tres pedidos.»

O pobre homem reflectio um momento e respondeu: «Neste caso, eu desejo, quando morrer o ceu e a vida eterna; para esta vida basta-me o bahu velho que está no celeiro caso elle pudesse ficar cheio de ouro, de modo que nunca se esvasiasse.

«Toma sentido, replicou o homenzinho, tua casa é um pardiéro e dentro em breve cahira; quem sabe se viverás bastante tempo para continuar uma outra? Faze ainda um pedido.

— Pois bem, então eu desejo que minha casa torne-se uma vez maior.

— Tudo isso te será concedido, disse o homenzinho, e desapareceu.

Quando o pobre diabo chegou deante de casa vio que a antiga tinha sido substituida por uma outra uma vez maior. O velho bahu se achava cheio de ouro e se enlhia sempre de ouro. Nosso protegido viveu desde essa data em deante tranquillo e contente, e, em sua felicidade não esqueceu nem as egrejas, nem os pobres.

O que se havia passado, não ficou ignorado na aldeia; todo o mundo fallava a respeito. Um homem rico, um horrendo avaro, tambem o viu fallar; tinha entretanto muitos bens, mas não achava que bastasse.

«Se eu tivesse a mesma ventura» disse elle comsigo mesmo.

E, tomando um cesto levou pedras para construir a igreja, enquanto todo o mundo dormia.

Em breve o vellinho appareceu e disse:

«Oh! amigo, que ando fazendo tão tarde por aqui?

— Carrego pedras, replicou o rico, enquanto todo o mundo repousa e dorme.

— Então tu tens o poder de formular tres desejos.

O rico já tinha pensado nisso com antecedencia e respondeu:

«Desejo dois olhos vivos e claros a meu velho cavallo, os dois outros desejos, minha mulher é que tera a honra de determiná-los.

Depois entrou em casa e disse a mulher:

«Eu tenho tres desejos em meu poder; o primeiro está feito, meu cavallo tem olhos claros e vivos, mas a ti, mulher, compete apresentar os dois outros desejos; eu t'os reservei.

Mas a mulher se incomodou e disse:

«Se desejasse semelhante coisa, eu quereria, velho maluco, que ficasses cego de um olho, e horrivel como esse teu cavallo.

Apenas havia ella pronunciado estas palavras, seu marido ficou cego de um olho e muito feio como era o animal em outro tempo. O avaro sentiu-se tomado de tanto furor que exprimiu o terceiro desejo gritando.

— Já que me desejava isso, pobre tola, eu quero verte cega!

Assim foi feito e foi essa sua recompensa.

CARLOS SIMOCK.

Um Cravo Político

Os recentes acontecimentos de Auteuil vieram re-voivar a significação politica do «cravo branco» em França.

O sr Charles Dupuy, presidente do conselho, dissera commentando os tumultos:

— Esses senhores do cravo branco dão a medida do que seria a França entregue aos costumes que a sua ociosidade engendra.

Referia se aos jovens orleanistas, a fina flor da realzeza, conhecidos em Paris pela designação de «cravos brancos».

Vem pois a proposito transcrever da *Flora das Flores*, de Alphonse Karr, uma pagina, que recorda a significação politica do «cravo branco»: dupla oportunidade, não só porque pouco tempo vas decorrido sobre os acontecimentos de Auteuil, mas tambem porque estamos na razão dos cravos.

Tem a palavra Alphonse Karr:

«Da mesma sorte que a flor de liz e a violeta, o cravo representou um papel importante em França.

Em 185, pouco depois da victoria da segunda restauração, o «cravo vermelho» tornou-se o distinctivo dos partidarios de Napoleão. Como opposição, os realistas, e sobretudo os gardes-du corps, os pagens, etc., adoptaram o «cravo branco». Davam se a miudo encontros terríveis: e mesmo em Paris, em pleno boulevard, havia verdadeiras luctas, das quaes resultavam sempre victimas.

Escutae uma historia que tem relação com a flor de que nos estamos occupando.

Num dia de agosto, Jules de Saint P..., joven pagem de Luiz XVIII e sobrinho da condessa de C..., dama de honor da duquesa d'Angoulême, foi visitar sua tia aos aposentos particulares d'aquella famosa senhora.

— Que é isso, cavalheiro? — exclamou a condessa ao vê-lo! Não tendes na vossa abotadura o cravo decretado? Receeais os bonapartistas?

Quando a tia do pagem acabava de pronunciar estas palavras, appareceu a duquesa, que, tendo ouvido a admoestação que a condessa dirigia ao mancebo, e vendo este muito corado e embaraçado sobre o que deveria responder, pegou n'um cravo branco, que estava n'uma das jarras que adornavam uma meza, e offereceu-lho.

— Vossa tia acaba de se mostrar injusta para com vosco, cavalheiro — disse a duquesa. Sabemos sobejamente que na vossa familia todos são bons francezes, e que os Saint P..., tem a alma tão livre de cobardia como de vilzeza.

O pagem curvou-se respeitosamente, e aceitou a flor.

Muito obrigado, minha senhora — respondeu com voz altiva, mas um tanto commovida: — e ficae certa de que envidarei todos os esforços para confirmar a opinião que vos dignastes formar a meu respeito.

Uma hora depois, o joven pagem achava-se no *lellard* de Grand — em muitos dos seus amigos, todos condecorados com o «cravo branco». De subito viram-se frente a frente com um grupo de officiaes licenciados, que traziam o «cravo vermelho» na lapella.

— Cuidado, cavalheiros! bradou ironicamente um dos ultimos, dirigindo-se ao grupo. — Cuidado, que essa flor suja-se mui facilmente!

E' verdade — redargiu o sr. de Saint P... — e por isso que os homens da vossa estola fazem bem não a adoptando.

O sarcasmo á ameaça, a transição foi rapida. Não se tituha ainda trancado quatro phrases, e as espadas já estavam desembainhadas. O pagem cruzou armas com o official que primeiro o apostrophara, e que, infelizmente, era um habil esgrimista; sangueiro, olho certo e pulso de ferro. Não lhe faltava nada.

O joven realista, porem, achava-se tão entusiasmado, que não dava conta da sua inferioridade; e, quando mesmo a reconhecesse, o seu caracter ardente não lhe permitiria que vacillasse em continuar o duello. Conquanto o proembo da scena se passasse durante breves momentos, estavam r dealos de muita gente que, boquiaberta, aguardava o resultado da pendencia. De subito, uma voz soltou este grito:

— Os gendarmes!...

Effectivamente, como a autoridade havia tomado severas medidas para evitar estas perturbacoes, uma patrulha de gendarmes appareceu logo para pôr termo á pendencia.

— Oh! Não nos podemos separar assim! — disse então o adversario do pagem.

E, fazendo um bate certoiro, rematou:

— Este é para o cavalheiro do «cravo branco».

Não restava duvida alguma, A ponta da espada cavara-se no peito de Jules de Saint P..., que cahio no chão, exacta mente quando os gendarmes iam a lançar a mão aos braços dos contendores.

Os officiaes do «cravo vermelho» retiraram-se precipitadamente, e o ferido foi levado pelos seus amigos, mettido n'uma carruagem e conduzido a casa.

Na occasião em que, com esforço, o pagem se apeava amparado pelos seus amigos! parou deante da porta um rico coche, apenas occupado por uma dama, a condessa de C..., a qual sem ligar a minima attenção á mortal pallidez de seu sobrinho, exclamou deitando a cabeça por uma das portinholas:

— Um cravo vermelho! Esse desventurado deshonra-nos.

Jules de Saint P..., que, apesar do seu desfallcimento, conservava ainda a serenidade dos sentidos, mirou a flor que tihua ao peito, e respondeu, com voz quasi que extincta:

Sim, minha senhora... Um «cravo vermelho»; mas... porque e meu sangue o tingiu!...

A dama, d'um pulo, saltou do coche, e, aproximando-se de seu sobrinho, bradou angustiada:

— Ah! sangue!... Meu Deus! E fui eu que o matei!...

A condessa dizia a verdade, porque a ferida era mortal.

O desventurado mancebo expirou n'aquella mesma noite, pedindo que o enterrassem com o «cravo» ao peito, fatal presente que, pela manhã, recebera da mão da duquesa d'Angoulême.

Um Lunatico

De Vienna d'Austria acaba de fugir um Dieffenbach, bavaro excentrico, que se retirou do seu paiz natal porque seus conterraneos lhe extranhavam suas extravagancias e se divertiam com elle por causa do seu viver original, e fóra do commun.

Era, diz o «Journal des Debates» ao noticiar a sua fuga, um reformador universal, criador de uma escola artistica, de uma religião, de uma sociologia, de um systema de vestuario e de mil outras invenções de que esperava grandes beneficios para a humanidade.

Em Munich o povo ria-se quando o via passar com uma grande cabelleira pendente sobre os hombros e as costas, com um manto de passavante e com sandalias, offerecendo assim ao publico um typo estranho e raro.

Vivia só de vegetaes, dormia sempre com as janelas abertas e andava de calça descoberta.

Um dia, e sob pretexto de que era preciso estar sempre de contacto com o ar, imaginou metter seus filhos, ainda pequenos, todos nus, em uma especie de viveiro, que fez depender da janella.

A policia entendeu então que a excentricidade de Dieffenbach havia ultrapassado os limites, reprehendeu-o e prohibio-lhe que dependurasse os filhos nus, a janella, como se dependuram os passaros em sua gaiola.

Offendido em seu amor proprio, retirou-se para sempre do seu paiz natal, onde o não deixaram viver a seu gosto e praticar as suas doutrinas hygienicas. Era um paiz de barbaos.

Em Vienna fez adeptos. Ninguém é propheta em sua casa.

Em um arrabalde da cidade e na collina do Alto Saint-Weit fundou uma colonia com seus discipulos, a qual recebeu o nome Himmels (Hotel do Céu).

Durante dez annos, diz o «Journal des De'atés», um dos prazeres favoritos dos viennenses era o de ir ao Hotel do Céu para ver o propheta Dieffenbach, sua filha Stella, seus filhos Hellus e Lucidus, seu acolyto, M. de Spaun e o filho deste, chamado Homo!

A tribu descia algumas vezes á cidade, que se ria tambem de seus tão extranhos costumes.

As finanças da colonia não estavam em circumstancias lisongeiras; então Dieffenbach organisou uma exposição dos seus quadros, porque era pintor, esquecia mos de dizer aos nossos leitores.

O publico não concorreu a ella, a companhia de electricidade, vendo que lhe não pagavam cortou a communicacão e a exposicão morreu as escuras.

Os credores caíram depois sobre o Hotel do Céu, e seu proprietario viu-se obrigado a despedir seus hospedes. Um destes renunciou para sempre ás doutrinas e praticas dos seus antigos companheiros co-religionarios. Voltou a comer carne e a beber vinho; e como estava com muitas saudades do tão precioso summo da uva, foi encontrado um dia pela policia, em uma rua em completo estado de embriaguez. Bebeu a fartar.

O tribunal correccional absolveu-o no meio de hilaridade geral.

Dois dias depois, Dieffenbach desapareceu com a familia, crendo-se que seguira viagem para este nosso continente. Será aqui mais feliz?

Garrett e o seu tempo

Na transformacão da sociedade portugueza do abolutismo para o regimen constitucional parlamentar, os vultos que lutaram pelo estabelecimento da nova ordem usufruiram entre si o poder, dispuseram da riqueza nacional, foram temidos e bajulados, mas acabaram por serem esquecidos. Desluzbraram com o prestigio da autoriade, do nascimento, da opulencia na sua ephemera trajetoria; o tempo deixou em evidencia que a sua obra politica era uma transicão, e que sómente com este destino provisorio é que a Carta outorgada podia contribuir para a entrada de Portugal na corrente da civilizaçãõ moderna.

D'entre as grandes figuras do constitucionalismo destaca-se Garrett, aquelle que menos dispoz do poder e da riqueza publica; e á medida que o tempo vaee obliterando as glorias officiaes, o seu nome apparece aureolado da sympathia social, como aquelle que sentiu e exprimiu a consciencia de um povo, como o que soube alentar uma sociedade cujo passado era demolido pela revolução, dando-lhe ideal, fortificando-a pelo santo amor da tradiçãõ portugueza.

Os bravos generaes tem as suas estatuas mudas e inexpressivas; os ministros enfileiram-se nas listas das successivas mediocridades intrigantes, e o vulto de Garrett sobrevive a todo o apaziguamento das facções, na fulguraçãõ do genio por essa missãõ consoladora que exerceu como poeta. Todos os outros podiam fazer revoltas, assignar decretos, cobrirem-se com o favoritismo do paço, mas só Garrett é que podia escrever o poema *Camões* e o drama *Frei Luiz de Souza*. Não admira que a glorificaçãõ de Garrett carecesse da impossibilidade do julgamento de um seculo; toda essa galeria official dos grandes homens do constitucionalismo desvairá as atenções pela obra de um liberalismo sem raizes na consciencia da nação. E até certo ponto pezou sobre a missãõ social de Garrett um certo desdém, por isso que a essencia de sua obra fóra levantar a nação por amor das tradições da boa terra portugueza.

A primeira data secular de Garrett é a do seu nascimento, em 4 de fevereiro de 1799; ella o colloca em foco dentro do seculo XIX, a partir da expansãõ das ideas da Revoluçãõ franceza até o regimen bastardo das Cartas outorgadas e do esgotamento do esteriõ systema de parlamentarismo, a sua existencia activa comprehende todas estas phases da instabilidade politica que ainda está soffrendo a Europa, que até ao findar do seculo não conseguiu reorganizar o poder temporal sem privilegios pessoais.

Disse Garrett uma phrase que bem o caracteriza: A vida dos grandes homens é a historia das suas patrias. A sympathia social é que nos revela esta intima solidariedade, presentindo e anticipando mesmo os resultados da critica. Sómente traçando o quadro das modernas instituições portuguezas é que se vêem com nitidez os contornos da biographia de Garrett. E' a synthese de uma epocha, em todo o seu esforço de renovação, e é a expressãõ de uma raça ou

de uma nacionalidade no que ella tem de mais intimo, de mais delicado e original.

Não comprehende a açãõ immensa e complexissima de Garrett quem allia ao seu nome os de Herculano e Castilho; houve mesmo durante a vida de Garrett a intencãõ de amesquilha-lo com estas comparações banaes. Assim Mendes Leal proclamava em um artigo critico Herculano como uma aguiã, e Garrett como o cygne do lago; e outros davam a Castilho neste seculo o principado da lyra.

Todos esses despeitos contra o poeta que adheria ao partido da Soberania nacional, foram-se esbatendo com o tempo, e por isso é ao julgamento de um seculo que compete o collocar o na situaçãõ suprema e indiscutivel de um representante da humanidade.

Sob dois aspectos merece considerar-se esse vulto extraordinario: pela sua açãõ politica ou social e pela influencia artistica ou litteraria. Não se separam estes aspectos; porque o contacto da vida publica deu ao ideal do poeta um grande relevo de realidade, e tambem nas suas luctas para a reorganizaçãõ da sociedade portugueza elle foi sempre impulsionado por um alto ideal.

Competia aqui desenvolver estas duas formas da sua existencia; seria a historia do seculo XIX em Portugal, pouco azada para um artigo de consagração nesta vertigem de informaçãõ rapida do jornalismo. Mas condensaremos em poucas linhas aquillo que já não carece de laboriosas comprovações: com a caracteristica mais desluzbraute do genio, Garrett foi um iniciador.

Quando a Litteratura portugueza cahia na esterilidade insipida das formas arcaicas que atrophiaram o talento de Boccage, coube a Garrett a comprehençãõ do novo movimento do Romantismo, que revigorava as Litteraturas meridionaes pela idealizaçãõ das tradições nacionaes. Herculano reconheceu-lhe esta supremacia de iniciaçãõ; e examinando-se detidamente esta obra simultanea com a transformacão das instituições politicas, em que elle cooperou junto de Palmella, de Mousinho da Silveira de Rodrigo da Fonseca, vê-se que para iniciar em Portugal a nova epocha litteraria do Romantismo elle possuia o dom da plasticidade, de uma facil adaptaçãõ a todas as manifestações do ser humano.

Iniciando o Romantismo, Garrett acordou nas almas o culto de Camões, fundou o theatro portuguez, dando-lhe organizaçãõ e dotando-o com obras primas; creou o lyrisimo portuguez com as *Folhas Cadidas* formulou a pura e bella prosa portugueza nas *Vozes na minha terra*; deuse-lhe o typo do verdadeiro jornal politico, doutrinario e de combate, no *Portuguez*; e foi elle que definiu a eloquencia parlamentar, attica na forma e viva no conhecimento completo dos negocios publicos.

Como iniciador tambem se lhe deve a mais completa lei de reforma de instrucção publica de 1834, que não chegou a ser decretada, mas da qual foram roubados os pensamentos das Escolas Polytechnicas, e das Faculdades de Mathematica e Philosophia, do Conservatorio de arte dramatica e musical, das Escolas de Bella-Artes (Pintura e Architectura) e das Escolas normaes e Lyceus! Tudo elle concebera, e outros realizaram sem sequer-lhe citarem o nome.

Foi Garrett que redigiu a primeira lei de administraçãõ portugueza, pelas lições que recebera durante as suas amargas emigrações de Portugal em 1823 e 1828. No periodo mais activo da implantaçãõ do regimen liberal, Garrett foi sempre o poder espirital (hoje chama-se-lhe *poder occulto*) dos generaes, dos diplomatas e até do proprio regente.

Não admira, pois, que tentassem abafar-o conservando o em um segundo plano. Intrigaram-no sempre com a Rainha, estimulando a má vontade d'ella por anedotas sobre a sua vida galante. Só pouco antes da sua morte é que chegou ao poder; foi ministro para o ferirem mortalmente. Nesta situaçãõ de sacrificio heroico, Garrett regressava á arte, como a uma consolação que o fortificava, e assim deu a uma nacionalidade sem apoio a direcção moral das suas creações poeticas.

O seculo que passa sobre o seu nascimento proclamou-lhe a supremacia entre a geraçãõ que valeu mais

do que isto que se vê. E' da honra e dignidade de nos todos que a ossada de Garrett saia do esconderijo em que esta esquecida para o Pantheon de Belém, que e tambem u na creaçãõ da sua iniciativa. O paramento que isto decretar será sempre lembrado.

THEOPHILO BRAGA

Meditando

Terra, que feres tu: a vida ou a morte?

A morte vivifica o olhar e faz do sorriso um rictus contrastador. Desmata as rosas da face, enria e esfia a polpa das formas sedutoras. Suijri ue a actividade, faz d'um genio um passallo. Extrahca o verso, avellenta a forma, torna o estylo o mais seductor um estranho as gerações que lhe foram contemporaneas.

A vida, ao contrario, é um progredir continuo. Tudo evolue e se apimora. A luz, o movimento, o corpo e o espirito, tudo, tudo alqueia dia (dia maior riqueza, maior complexidade, dando ao intreocho da existencia episorios e situações novas, impressões variadas, que, mesmo atormentado, deliciao. Nada ha mais complexo que uma saude: bebem-se na sua sombra lagrimas e beijos; reatam-se sonhos, consolam-se amarguras que se julgavam incompativeis com o dia de amanhã e, entreta to, se dissipam pela simples açãõ do tempo!

Terra, que preferes tu: a vida ou a morte?

— A morte, respondeu ella. A vida extingue, a morte recomeça. Quando cahe uma flor, amadurece uma semente. Cada illusãõ que se dissipa é uma realidade que se conquista.

Dá-se com tudo o mesmo que se dá com um simples grãõ de trigo: ha dentro d'elle a vida latente de uma seara...

Sechojenhauer legislou que so os fortes de espirito amam a solidãõ.

Jã tinha havido antes d'elle quem houvesse observado que a aguiã anda só e os perus formam bandos. So pode amar a morte o que tem dentro de si alguma fonte inexhaustivel da vida.

A morte é a selecção natural do que é eterno.

O diamante, vêz tu, e o ornato da vaidade: vive para ahí a devorar duro de trabalho. Quando te desluzbra um bello collo e uns braçõs muito altos e roliços, quando missas orelhasinhas cor de rosa desafiam te suspiros longos d' melhor dos cançãões, tu, ao vel as sob a irradiaçãõ das joias pensas que estas são mais felizes que tu, porque o diamante não morre, porque elle ba de sobreviver á tua paixãõ e á belleza da mulher que está adornando. Entretanto para mim, a terra e o carvão vale muito mais.

O diamante devora, o carvão multiplica o trabalho. Este produz, aquelle consome; um morre na formilha da machina o outro parasita fortuna nos salões na sua eternidade inutil.

Um desenregala o pobre, o outro engilha o coração da mulher. Aqui tens tu o simbolo da vida indefinida e da morte necessaria.

Quando o mundo perde um genio revolta-se contra a morte... Ingrato! elle não attenta para a economia da creaçãõ!

Sabes o que é feito de Aristoteles e de Zenon? A morte n'os entregou; eu dissilvi-os, dynamisei-os e divido-os ainda hoje pelos seculos, usurariamente, incutindo-os nos cerebros fortes...

Porque os genios são como os perfumes. Uma gota de essencia basta para perfumar um salão, como um pensamento so basta para civilisar um seculo.

Tu dirás que é o livro que transmite, com a memoria, as leis que o sabio fixa.

E eu te respondo que sem que o cerebro fosse turificado pela materia, que a morte transmite de organismo em organismo, não teria valor o livro. Ficaria incomprehendido e inutil como as bellezas dos mar-mores de Heliopolis para os camalões, que sobre elles se estendem aquecendo ao sol.

Os fracos temem a morte; os fortes desafiam-na. Não ha nada mais d' loroso do que a immortalidade vida muda e indelica do genio.

E fiquei a pensar...

Quanta poesia na morte!

Como é tónico o seu pensamento e não obstante a maior parte da humanidade não hesita ante as maiores baixezas para viver!

Oh! terra, terra da minha patria, bendicta seja a morte que nos renova, por teu intermedio, no coração e no cerebro dos nossos amigos, dos nossos paes, dos nossos filhos!

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 38—Saia co n tunica..... 2,000

Pelo correio mais 300.